

MARISSA MEYER

# Cress

Tradução  
Victor Antunes

**LIVROS FANTÁSTICOS**

 Planeta

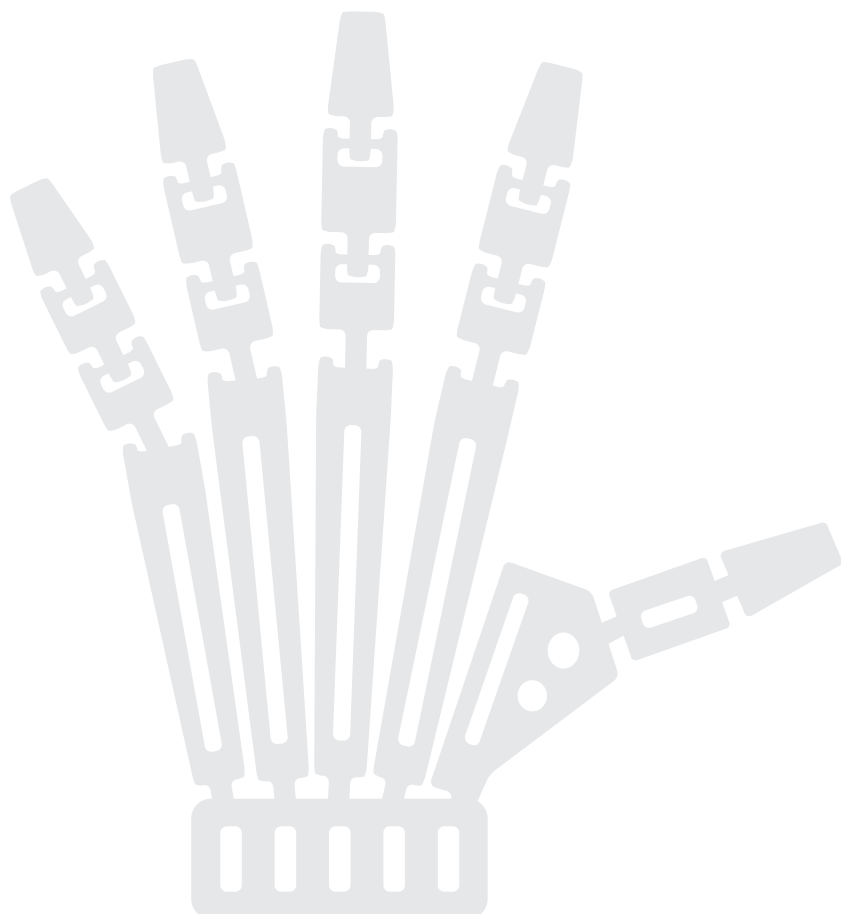
Para Jojo, Meghan e Tamara

«Vivaaaa!»



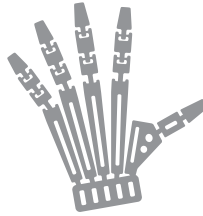
# LIVRO PRIMEIRO

Quando ela era ainda uma criança,  
a bruxa encerrou-a numa torre  
sem portas nem escadas.





## CAPÍTULO 1



O satélite que a transportava percorria uma órbita completa em redor da Terra de dezasseis em dezasseis horas. Uma prisão dotada de uma vista de cortar a respiração – vastos oceanos azuis, turbilhões de nuvens e o despontar do Sol, que parecia incendiar meio mundo.

Quando a tinham encarcerado, tudo o que fizera fora empilhar as almofadas sobre a mesa acoplada à parede e cobrir os ecrãs com as roupas da cama de modo a construir um espaço reservado para si. Fingia que não se encontrava num satélite, mas num vaivém, a caminho do planeta azul. Em breve aterraria e poderia caminhar sobre a terra firme, acariciada pela verdadeira luz do Sol e inspirar oxigénio verdadeiro.

Passava horas infinitas a olhar para os continentes, a imaginar como seriam.

No entanto, evitava sempre olhar para Luna. Por vezes, o satélite passava tão perto que a Lua ocupava toda a sua visão ao ponto de distinguir as enormes cúpulas brilhantes da superfície e as cidades cintilantes onde viviam os Lunares. Onde também ela tinha vivido. Já se tinham passado anos. Antes de ter sido expulsa.

Quando ainda era criança, Cress escondia-se da Lua durante essas longas e penosas horas. Por vezes refugiava-se no pequeno lavabo e distraía-se a entrelaçar as madeixas do cabelo. Ou enfiava-se debaixo da mesa, a entoar canções de embalar até adormecer. Ou sonhava com uma mãe e um pai, e imaginava-os a brincar com ela ao «faz-de-conta», a lerem-lhe histórias

de aventuras e a afastarem-lhe carinhosamente os cabelos da testa até que – por fim – a Lua voltava a mergulhar na sombra protectora da Terra e ela tornava a sentir-se segura.

Mesmo agora, durante essas horas, Cress enfiava-se na cama e dormia, ou lia e escrevia mentalmente canções ou elaborava códigos complicados. Continuava a não gostar de olhar para as cidades de Luna; acalentava em segredo a mania de que, se podia ver os Lunares, estes também poderiam vê-la para além dos seus céus artificiais.

Tinha sido esse o seu pesadelo durante mais de sete anos.

Naquele momento, o horizonte prateado da Lua começava a surgir a um canto da vigia, mas Cress não lhe deu atenção. Desta vez, o seu painel de ecrãs virtuais apresentava-lhe um novo pesadelo. Palavras brutais escarrapachadas nos noticiários, fotos e vídeos que lhe turvavam a visão à medida que passava de um programa para outro. Não conseguia ler depressa o suficiente.

***CATORZE CIDADES DE TODO O MUNDO ATACADAS  
DUAS HORAS DE DEVASTAÇÃO ASSASSINA RESULTARAM  
EM 16 000 TERRESTRES MORTOS  
O MAIOR MASSACRE DA TERCEIRA ERA***

A Internet fervilhava de horrores. Pessoas mortas pelas ruas, com os ventres rasgados, o sangue a escorrer pelas valetas. Homens de aspecto feroz com os queixos e as unhas a pingar sangue que lhes manchava o peitilho das camisas. Examinou-lhes os rostos, a tapar a boca com a mão. Respirar tornava-se cada vez mais difícil, à medida que ia tomando consciência da verdade.

Há meses que vinha a ocultar aquelas naves Lunares dos sistemas de vigilância da Terra, em obediência nunca questionada às ordens da senhora Sybil, como era natural numa serva bem treinada como ela.

Só agora se dava conta dos monstros que iam a bordo daquelas naves. Só agora percebia o que Sua Majestade tinha vindo a planear, mas era demasiado tarde.

***16 000 TERRESTRES MORTOS***

A Terra tinha sido apanhada de surpresa, e tudo porque ela não tinha tido a coragem de dizer que *não* às exigências da sua senhora. Tinha-se limitado a fazer o seu trabalho e a virar a cara para o lado.

Desviou os olhos das imagens de carnificina e morte e concentrou-se noutra notícia que prenunciava mais horrores num tempo próximo.

O imperador Kaito, da Comunidade Oriental, pusera cobro à chacina comprometendo-se a casar com Levana, a rainha Lunar.

A rainha Levana seria em breve a nova imperatriz da Comunidade.

Em estado de choque, os jornalistas terrestres procuravam expressar os seus pontos de vista acerca deste acordo diplomático tão controverso. Alguns exteriorizavam a sua indignação e apelavam à Comunidade e a todo o resto da União Terrestre para que se preparassem para a guerra, e não para um casamento. Mas outros tentavam apressadamente justificar a aliança. Com um subtil movimento dos dedos sobre o ecrã fino e transparente, Cress levantou o som para ouvir um homem que proclamava os potenciais benefícios do acordo. Não haveria mais ataques, nem especulação sobre quando poderiam acontecer. A Terra acabaria por compreender melhor a cultura Lunar. Poderiam operar o intercâmbio dos respectivos avanços tecnológicos. Poderiam ser aliados.

Além do mais, a rainha Levana só tencionava governar a Comunidade Oriental. O resto da União Terrestre seria decerto deixado em paz.

Mas Cress sabia que seriam loucos se acreditassem naquilo. Depois de se sagrar imperatriz, a rainha Levana trataria de assassinar o imperador Kaito e proclamar-se-ia senhora do país para o usar como base para reunir o seu exército antes de invadir o resto da União. Não pararia até todo o planeta estar sob o seu domínio. Aquele pequeno ataque, aquelas dezasseis mil mortes ... não eram mais do que o princípio.

Cress desligou o som da emissão, apoiou os cotovelos na mesa e enterrou os dedos na espessa cabeleira loura. Sentiu-se de repente gelada, apesar da temperatura constante no interior do satélite. Atrás de si, um dos ecrãs berrava numa voz de criança, programada durante quatro meses de tédio indutor da loucura, quando tinha dez anos. Uma voz demasiado chilreada para o tema que abordava: um relatório clínico da República Americana anunciando o resultado da autópsia feita a um dos soldados Lunares.



*Os ossos foram reforçados com tecido rico em cálcio, e a cartilagem das articulações principais foi injectada com uma solução salina destinada a aumentar a flexibilidade e a resistência. Os dentes caninos e incisivos foram substituídos por implantes dentários idênticos aos de um lobo, e o mesmo reforço ósseo é visível no maxilar, de modo a poder esmagar ossos e outros tecidos. A reformulação do sistema nervoso central e uma profunda intrusão no domínio psicológico foram responsáveis pela agressividade inflexível e pelas tendências para um comportamento semelhante ao dos lobos. Segundo a teoria do doutor Edelstein, uma avançada técnica de manipulação das ondas bioeléctricas pode também ter desempenhado um pap...*

«Suprimir som.»

A voz carregada de doçura da criança de dez anos calou-se; no espaço ficaram apenas os zumbidos e os sons há muito reprimidos pelo consciente de Cress. O ronronar das ventoinhas. O zumbido do sistema de suporte de vida. O gorgolejo do tanque de reciclagem da água.

Agarrou as espessas madeixas de cabelo que lhe caíam pela nuca e puxou-as por cima do ombro – tinham tendência a enrolar-se nas rodas da cadeira, se não tivesse cuidado. À sua frente, os ecrãs cintilavam e iam desenvolvendo notícias, à medida que as iam recebendo da Terra. Também havia notícias provenientes de Luna sobre os seus «bravos soldados» e o «triumfo árduo» – censuradas pela coroa, é claro. Desde os doze anos que Cress se tinha habituado a não dar credibilidade aos noticiários de Luna.

Absorta nos seus pensamentos, enrolou o rabo-de-cavalo no braço esquerdo, desde o cotovelo até ao pulso, sem cuidar das madeixas que lhe caíam sobre o colo.

– Oh, Cress – murmurou. – O que vamos fazer?

A Cress de dez anos retorquiu na sua voz esganiçada:

– Por favor, clarifique as suas instruções, Irmã Grande.

Cress fechou os olhos, a proteger-se do brilho do ecrã.

– Percebo que o imperador Kai está apenas a tentar evitar uma guerra, mas ele precisa de saber que nada disto fará parar Sua Majestade. Se ele for para a frente com isto ela vai matá-lo, e depois, que será da Terra?

Sentiu uma dor na cabeça e o sangue a latejar-lhe nas têmporas.

– Convenci-me de que Linh Cinder o tinha avisado no baile, mas se me enganei? Se ele continua sem saber o perigo que corre?

Fez girar a cadeira, passou os dedos sobre um ecrã mudo, marcou um código e chamou a janela oculta que procurava cem vezes por dia. Por cima da mesa, a janela de comunicação abriu-se como um buraco negro, vazio e silencioso. Linh Cinder continuava a não entrar em contacto com ela. Talvez o seu *chip* tivesse sido confiscado, ou destruído. Talvez Linh Cinder já não o tivesse consigo.

Soltou um suspiro, cortou a ligação e com um ligeiro movimento dos dedos substituiu-a por uma cascata de outras janelas ligadas a uma rede de alertas que patrulhavam incessantemente a Net em busca de qualquer informação relacionada com a *cyborg* Lunar detida uma semana antes. Linh Cinder. A rapariga que tinha fugido da prisão de Nova Pequim. A mesma rapariga que tinha sido a única possibilidade de Cress avisar o imperador Kaito sobre as verdadeiras intenções da rainha Levana assim que ele concordasse com a aliança matrimonial.

O noticiário principal não era actualizado há várias horas. Na histeria resultante da invasão Lunar, a Terra parecia ter-se esquecido da mais procurada das fugitivas.

– Irmã Grande?

A sentir o pulso agitado, Cress agarrou com força os braços da cadeira.

– Sim, Pequena Cress?

– Detectada nave da senhora. Chegada prevista dentro de vinte e dois segundos.

Ao ouvir a palavra *senhora*, proferida num tom de pânico na sua voz de há tantos anos, Cress saltou da cadeira.

Os seus movimentos eram uma dança meticulosamente coreografada, que dominava em resultado de anos de prática. Imaginou-se uma bailarina da Segunda Era, a deslizar por um palco sombrio enquanto a Pequena Cress ia contando os segundos.

00.21. Cress apoiou a mão no botão de comando do colchão.

00.20. Virou-se para o ecrã e escondeu todas as informações sobre Linh Cinder sob um programa Lunar de propaganda.

00.19. O colchão bateu no chão com um ruído abafado, com os lençóis e as almofadas na mesma posição em que as tinha deixado.

00.18. 17. 16. Os seus dedos bailaram através dos ecrãs, a esconder os noticiários terrestres e os diversos *links*.

00.15. Meia volta, uma busca acelerada de dois cantos do cobertor.

00.14. Um movimento rápido dos pulsos, a puxar para cima o cobertor, como uma vela inchada pelo vento.

00.13. 12. 11. Alisou o lado oposto da cama e chegou-se para lá, virada para os ecrãs montados do outro lado do compartimento.

00.10. 09. Novelas terrestres, músicas gravadas, literatura da Segunda Era, tudo desapareceu.

00.08. Movimento rápido de volta à cama. Uma dobra graciosa do cobertor.

00.07. Duas almofadas simetricamente encostadas à cabeceira. Um movimento floreado do braço para soltar os cabelos presos debaixo do cobertor.

00.06. 5. Uma corrida rápida às voltas pelo compartimento para recolher uma peúga e o laço do cabelo e atirá-los para a reciclagem.

00.04. 3. Passagem pela mesa para recolher a única taça que possuía, a única colher, o único copo e uma mão-cheia de canetas e depositá-las no esconso que lhe servia de despensa.

00.02. Uma pirueta final para se certificar de que o trabalho estava feito.

00.01. Um suspiro de agrado, a culminar numa graciosa vénia.

– A senhora chegou – anunciou a Pequena Cress. – Solicita a extensão do gancho de atracação.

O palco, as sombras, a música, tudo se sumiu dos pensamentos de Cress, a dar lugar a um sorriso estudado.

– Pois claro – chilreou, a dançar em direcção à doca principal de atracação.

No satélite havia duas docas, mas só uma delas já tinha sido utilizada. Nem sequer tinha a certeza de que a outra funcionasse. Cada uma das largas portas metálicas abria-se para uma doca de acostagem. Para além, ficava o espaço.

Excepto quando havia um vaivém atracado, a nave da senhora.

Cress accionou o comando. No ecrã surgiu a imagem do gancho a estender-se e ouviu-se o baque surdo da nave a atracar. À sua volta, as paredes estremeceram.

Tinha memorizado os momentos seguintes, ao ponto de saber quantos seriam os batimentos do seu coração entre cada som que lhe era familiar. O abrandamento das rotações do motor do vaivém a desligar-se. O estalido metálico do gancho a encaixar-se para prender a nave. O vácuo criado quando o oxigénio era empurrado para o espaço. O aviso sonoro a confirmar que a passagem entre os dois módulos era segura. A abertura da porta do vaivém. Os passos no interior da manga. O ruído sibilante da porta de entrada do satélite a abrir-se.

Em tempos passados, Cress acalentara a esperança de um gesto amistoso e cordial por parte da sua senhora. Talvez Sybil olhasse para ela e dissesse:

– Minha querida Crescent, mereceste a confiança e o respeito de Sua Majestade, a rainha. Poderás regressar comigo a Luna, onde serás recebida como uma de nós.

Esse tempo há muito que tinha passado, mas o sorriso ensaiado de Cress não se desfez, mesmo perante a frieza da senhora Sybil.

– Bom dia, senhora.

Sybil farejou o ar. As mangas bordadas do seu casaco branco agitaram-se em volta da grande caixa que transportava, repleta com as provisões do costume: comida e água fresca para a reclusa e, é claro, o estojo de primeiros socorros.

– Portanto, encontraste-a, não foi?

Cress pestanejou, sem alterar o sorriso estudado.

– Encontrei-a, senhora?

– Se dizes que é um «bom dia», é porque levaste a cabo a missão simples de que te encarreguei. É isso, Crescent? Encontraste a *cyborg*?

Cress baixou os olhos e enterrou as unhas nas palmas das mãos.

– Não, senhora. Não a encontrei.

– Estou a ver. Afinal não é um bom dia, pois não?

– Só queria... a vossa presença é sempre...

Não acabou a frase. Obrigou-se a abrir as mãos e a encarar o rosto da senhora Sybil.

– Estive mesmo agora a ver as notícias, senhora. Pensei que estivésseis feliz com o noivado de Sua Majestade.

Sybil deixou cair a caixa sobre a cama feita às três pancadas.

– Ficaremos satisfeitos quando a Terra estiver sob o domínio Lunar. Até lá, há trabalho para fazer e não devias perder tempo a ver noticiários e bisbilhotices.

Sybil aproximou-se do monitor que continha a janela secreta com o *chip* de comunicação e a prova da traição de Cress à coroa Lunar. O corpo da rapariga inteiriçou-se, mas Sybil passou por ele e dirigiu-se a um ecrã que exibia um vídeo do imperador Kaito a discursar ao lado da bandeira da Comunidade Oriental. Com um toque, o ecrã desapareceu, a revelar a fuselagem metálica e um emaranhado de tubos de aquecimento.

Cress deixou escapar o ar dos pulmões.

– Espero que tenhas encontrado *alguma coisa*.

Endireitou-se a toda a sua altura.

– Linh Cinder foi vista na Federação Europeia, numa pequena cidade do Sul de França, aproximadamente às 18 horas loc...

– Estou a par disso. E depois dirigiu-se para Paris, onde matou um taumaturgo e alguns operacionais inúteis. Mais alguma coisa, Crescent?

Cress engoliu em seco e começou a enrolar a trança em 8 à volta dos pulsos.

– Às 17 h 48 m em Rieux, França, o empregado de um armazém de sobressalentes notou a falta de uma bateria compatível com uma nave *Rampion* Classe 11.3, mas não registou qualquer pagamento. É possível que Cinder a tenha roubado... ou talvez encantado...

Hesitou. Sybil gostava de fingir que a *cyborg* não passava de uma «concha», ainda que ambas soubessem que não era verdade. Ao contrário de Cress, que era de facto uma «concha», Linh Cinder possuía o dom Lunar. Poderia ter estado de algum modo escondido, mas tinha-se revelado no baile anual da Comunidade.

– Uma bateria? – perguntou Sybil, sem ligar à hesitação de Cress.

– Converte hidrogénio em energia para servir de propulsor...

– Sei muito bem o que é – atalhou com segura Sybil. – Estás a dizer-me que os únicos progressos que fizeste consistem em dizer-me que ela está

a reparar a nave? Que vai ser ainda mais difícil encontrar-lhe o rasto, o que nem sequer conseguiste enquanto estiveram na Terra?

– Lamento, senhora. Eu tento, só que...

– Não estou interessada em ouvir as tuas desculpas. Durante todos estes anos consegui convencer Sua Majestade a deixar-te viver na presunção de que tinhas algo de valioso para dar, algo ainda mais precioso do que o teu sangue. Terei feito mal em proteger-te, Crescent?

Cress mordeu o lábio, a conter-se para não falar de tudo quanto tinha feito por Sua Majestade durante o seu encarceramento. A engendrar incontáveis esquemas de espionagem para vigiar os dirigentes terrestres, a interceptar as comunicações entre os diplomatas e a interferir com os sinais de satélite para permitir aos soldados da rainha que invadissem a Terra sem serem detectados, para agora ter nas mãos o sangue de dezasseis mil habitantes da Terra. Mas não fazia diferença. Sybil só estava interessada nos seus fracassos, e não encontrar Linh Cinder era o mais clamoroso de todos.

– Peço perdão, senhora. Vou empenhar-me com mais afinco.

Os olhos de Sybil contraíram-se.

– Vou ficar muito irritada se não encontrares essa rapariga, e depressa.

Preso pelo olhar de Sybil, Cress sentiu-se como uma borboleta espetada por um alfinete para ser examinada.

– Sim, senhora.

– Ainda bem – disse Sybil, a inclinar-se para a frente para lhe dar uma palmadinha no rosto.

Quase como um gesto maternal de aprovação, mas sem chegar a tanto. Virou-se e abriu os fechos da caixa.

– Agora, vamos a isto – disse, a retirar do estojo clínico uma agulha hipodérmica. – Dá cá o braço.